

TENDÊNCIAS DEFORMADORAS EM *MONICA'S GANG*

DEFORMING TENDENCIES IN *MONICA'S GANG*

Lúcia de Fátima Medeiros Silva¹

lucia.medeiros008@gmail.com

Resumo: Este artigo propõe discutir as “tendências deformadoras” na tradução da “Turma da Mônica” de Maurício de Sousa para o inglês, tomando como base as noções de tradução domesticadora e estrangeirizante dos teóricos Antoine Berman (2000) e Lawrence Venuti (1995). Além disso, leva em conta os termos de centralidade e periferia citados por Schleiermacher (2001), que estão relacionados com a posição relativa que essas culturas possuem. Este artigo também propõe uma reflexão sobre a prática tradutória domesticadora em prol de um texto “fluyente” em termos de adaptação à cultura-meta e também sobre a conservação ou não de uma identidade nacional nesse contexto. Ao analisar a transposição dessa obra brasileira para a língua e a cultura inglesas, é possível refletir sobre a preocupação primordial dos atuais tradutores ao tentar ganhar a aprovação dos leitores estrangeiros. As pesquisas foram realizadas nos gibis impressos de *Monica's Gang*, bem como no material *online* disponibilizado no site da turma. Fez-se uso também de entrevistas escritas e vídeos com o cartunista e autor Maurício de Sousa sobre a estreia da turma no exterior. O sucesso com leitores estrangeiros de uma obra criada no seio da sociedade brasileira torna o trabalho de Maurício de Sousa uma ferramenta rica na condição de objeto de estudo nesta pesquisa.

Palavras-chave: Tradução. Estrangeirização. Domesticção. Turma da Mônica.

Abstract: This paper proposes to discuss the “deforming tendencies” on Maurício de Sousa’s “Turma da Mônica” into English, based on the notions of domestication and foreignization translation, from theorists Antoine Berman (2000) and Lawrence Venuti (1995). Furthermore, it takes into consideration the domestication and foreignization terms reported by Schleiermacher (2001), which are related to the relative position from these cultures. This paper also proposes a reflection on the domesticating translation practice in favor of a “fluent” text in terms of adaptation to the target culture while it preserves or not a national identity in this context. The researches were conducted from printed comics of “Monica's Gang” and from the material posted on its website. There was also use from written or video interviews with the author and cartoonist Maurício de Sousa about the Gang’s premiere abroad. The success with foreign readers of a work created within the Brazilian society makes the work of Maurício de Sousa a rich tool as an object of study in this research.

Keywords: Translation. Foreignization. Domestication. Monica’s Gang.

1 Introdução

Desde a década de 1960, as revistas em quadrinhos “Turma da Mônica”, produzidas pelo cartunista Maurício de Sousa, têm atingido um grande número de leitores no Brasil. Essa popularidade é o resultado da perseverança e da paixão pelo trabalho desse ex-repórter policial com alma de criança, que um dia resolveu investir naquilo que se tornaria não só um

¹ Graduada em Letras/Língua Inglesa - UFRN. Especialista em Tradução - UGF.

sonho realizado, mas uma paixão nacional. O que o cartunista não esperava era que o carisma de suas personagens cheias de humor renderia um patrimônio de 2,7 bilhões à Maurício de Sousa Produções (MSP). O sucesso das revistas não ficou apenas em território nacional, mas também no exterior: atualmente, suas obras podem ser encontradas em 14 idiomas e são distribuídas em 40 países, primordialmente em material online. Tamanho crescimento parece inusitado, visto que o público brasileiro está acostumado a consumir uma vasta quantidade e variedade de materiais estrangeiros traduzidos para o português, embora haja excelentes cartunistas brasileiros que têm suas obras pouco reconhecidas. Sendo assim, a “Turma da Mônica”, uma obra genuinamente brasileira, constitui-se como um material rico para uma análise em estudos da tradução.

Diante da existência de uma troca de informações em ritmo vertiginoso, faz-se necessário o estudo das interações humanas, ou seja, da forma de como ocorre o compartilhamento do conhecimento entre as culturas no mundo atual. O avanço da tecnologia, que garantiu o desenvolvimento da informática, da telefonia móvel, do GPS e de outros artefatos, contribuiu muito para o estreitamento dessas relações, tornando as pessoas cada vez mais próximas e quase que sem privacidade. Partindo dessa percepção, a história em quadrinhos “Turma da Mônica” destaca-se nesse intercâmbio cultural por ser uma obra nacional inspirada em personagens que representam a sociedade brasileira, seus costumes e sua linguagem, e por estar sendo produzida para outras partes de mundo. Dessa maneira, torna-se um objeto favorável para a coleta de dados a respeito da “domesticação”, que pode ser encontrada no processo tradutório da revista em questão.

Os estudos de Antoine Berman, na década de 1980, são guiados pelas reflexões sobre tradução desenvolvidas na Alemanha clássica e romântica. Nesse período, reconheceu-se a importância da reflexão sobre a prática tradutória. Em meio a esse processo de institucionalização, Berman declara, em seu ensaio “A Tradução em Manifesto”, que “[...] a reflexão sobre a tradução havia se tornado uma necessidade interna da própria tradução.” (BERMAN, 2002, p. 12). Nessa linha de pensamento, remete-se ao conceito de *bildung*, concernente à formação de indivíduos, povos, línguas e arte. Assim, tem-se a ideia de que, ao manter contato com o estrangeiro, a tradução deve contribuir de alguma forma para o enriquecimento da língua de chegada. Lawrence Venuti também discute acerca do que está envolvido no ato de traduzir. Segundo ele, não há tradução equivalente ao texto original, ou seja, o leitor estrangeiro não terá a mesma experiência de leitura que o nativo receberá; as diferenças culturais e sociais são fatores de grande influência no trabalho produzido por qualquer tradutor e merecem atenção especial. A oposição de Venuti à “hegemonia global do

inglês” (VENUTI, 2002, p. 26) também revela sua proposta de subversão de tais práticas no ato de traduzir entre países centrais e periféricos. Esses termos abrangem o que autor chama de as “relações de poder” entre o que é considerado literatura canônica ou marginalizada. Já os termos de estrangeirização e domesticação, abordados por Schleiermacher (2001), levam em consideração a aproximação entre as culturas envolvidas (fonte e meta) e a mediação cultural da tradução nesse processo, as quais podem ser observadas no processo tradutório realizado pela equipe de Maurício de Sousa. Por meio desta pesquisa, objetiva-se também trazer à discussão o papel do tradutor brasileiro no cenário internacional, exemplificando, por meio do trabalho de tradução da revista em quadrinhos “Turma da Mônica”, os indícios de domesticação que comumente ocorrem em obras que proveem da “periferia” e vão em direção ao “centro” – do qual também fala Schleiermacher (2001), referindo-se a culturas que ocupam um espaço chamado de “central” na civilização ocidental. Como exemplo, pode-se citar a língua inglesa, idioma de uma “cultura central”, em oposição ao Brasil, que se posicionaria na “periferia”. O que Schleiermacher (2001) chama de “domesticação” seriam exatamente as adaptações feitas durante o processo tradutório para tentar “ganhar” a aceitação, ou tornar o ambiente mais próximo possível do receptor. Tal processo, na maioria das vezes, tende a reforçar o autocentramento do leitor desses lugares, seja por meio de adaptações de nomes de personagens, invenções ou obras, fazendo com que a cultura do país-fonte faça-se quase que totalmente apagada ou ignorada. Nesse viés, objetiva-se especificamente: a) estudar a tradução dos nomes dos personagens para o inglês; e b) avaliar situações de cunho cultural observadas na transposição da obra do português para o inglês por meio de imagem, itens lexicais e/ou expressões linguísticas culturalmente marcadas.

A pesquisa também visa a contribuir para as discussões dos estudos da tradução sob a perspectiva de Venuti (1995) e Berman (2000), colocando em foco as escolhas tradutórias do responsável em transpor a obra do Português para o Inglês.

2 “Turma da Mônica” no exterior

Com o objetivo de alcançar o maior número de leitores possível por meio das aventuras e mensagens que envolvem temas como família, ecologia, direitos das crianças, cuidados de higiene e cidadania de uma forma geral, as histórias em quadrinhos da “Turma da Mônica” ganharam espaço também no território internacional, com o nome de *Monica’s Gang*. Para tanto, a Maurício de Sousa Produções (MSP) contratou a editora multinacional italiana Panini, em 2007, já como forma de preparação para atingir o mercado estrangeiro, que ocorreu no segundo semestre de 2009.

O desembarque da turminha iniciou-se pela China e, já de imediato, recebeu 180 milhões de acessos por meio da revista digital. Maurício de Sousa explica que as revistas não são impressas, visando à sustentabilidade do planeta. É interessante observar também que não há publicação de gibis no exterior e sim das revistas especiais sobre saúde, histórias temáticas (*serialized stories*), bem como tirinhas de domingo (*Sunday pages*), segundo relata Maura Silva, principal executora da MSP e irmã de Maurício de Sousa, no jornal online USA Newspaper.

Um ponto comum às entrevistas fornecidas pelo escritor Maurício de Sousa é a preocupação em “não ferir suscetibilidade de hábitos, costumes, religiões”. Nelas, ele expõe as “pequenas mudanças” que a Turma sofre aqui e ali, dependendo do seu país de destino. Um exemplo foi citado em sua entrevista à Revista Franquia e Negócios (2010, p. 26), quando declarou:

O ministro da Cultura, quando viu nossos gibis, comentou que os personagens pareciam chineses e nem precisariam mudar nada. Só pediram para alterar levemente as casinhas, para ficarem mais parecidas com a arquitetura deles.

Já os países muçulmanos, segundo entrevista realizada para a ASPAS – TVO, solicitaram que as meninas da turma não aparecessem de biquíni, apenas de maiô inteiriço, se fosse necessário. Essa declaração reafirma o que Berman (2000) defende, ficando mais uma vez em evidência o processo de domesticação – adaptação que mascara as relações assimétricas e que promove, muitas vezes, o “apagamento” da cultura-fonte, juntamente com suas riquezas e modo de expressão. Esse processo pode ser classificado, então, como um tipo de violência etnocêntrica, pois, desse modo, o tradutor priva o leitor do conhecimento do Outro e do seu meio cultural, dificultando a reflexão sobre si mesmo e sobre o meio que o cerca. Segundo Antoine Berman (2000), esse comodismo impede que o leitor sinta necessidade de sair de sua zona de conforto para deparar-se com o Outro em toda a sua especificidade e estranheza.

No Brasil, é possível encontrar os gibis da turma em inglês e espanhol à venda. Inicialmente, imaginou-se que as revistas seriam de vocabulário fácil e básico devido ao público infantil, porém constatou-se que não somente as crianças, mas pessoas de outras faixas etárias – fossem aprendizes de um novo idioma ou simplesmente conhecedores da língua –, poderiam acompanhar o gibi, tanto para aprimorar vocabulário, como para aprendizado do inglês. Vê-se ainda que os consumidores, muitas vezes, são professores que utilizam as revistas no ensino de línguas como mais uma ferramenta em sala de aula, para tornar o aprendizado mais agradável e produtivo, já que se constitui de um material de origem nacional e de fácil acesso. Nesse contexto de leitores brasileiros, o tradutor provavelmente

não teria a preocupação primordial de fazer modificações do texto original para se adequar à cultura-alvo, a fim de que houvesse melhor aceitação e entendimento de quem lê, o que faz compreender melhor o motivo pelo qual se encontram poucos traços externos e modificações do modo de vida e da linguagem no processo tradutório. Dessa ótica, é possível observar a intenção dos produtores dos Gibis, levando em consideração as “pinceladas” de adaptações tanto de um lado como de outro. Como visto nesta seção, Maurício de Sousa fez uso de adaptações de cunho cultural a pedido dos países de chegada, mas, ao mesmo tempo, se um leitor brasileiro ler essa mesma revista “domesticada”, pouco perceberá essas modificações aqui discutidas, levando em consideração a influência cultural americana no Brasil².

3 Discutindo conceitos: domesticação, estrangeirização e sistema de deformação

A problemática em volta da fidelidade de um texto de chegada em relação ao original sempre foi um ponto largamente discutido no ramo da Tradução. Um trabalho que não respeitasse as ideias originais do texto de partida daria ao seu autor um rótulo de “traidor”, que nunca poderia atingir o valor criativo do autor original. Esse raciocínio passa tanto pelo nível lexical, dada a necessidade de se identificar vocábulos adequados e precisos, como pelo nível sintático, com a busca pela estruturação das frases de maneira homogênea. Contudo, passa, principalmente, pelo nível semântico, a fim de se manter a significação ou o “sentido” do texto.

A “Turma da Mônica”, além de ser uma revista de cunho humorístico, é também povoada por uma série de elementos culturais próprios do Brasil. É inevitável abrir um dos gibis da Turminha e identificar, seja nas brincadeiras das crianças, nas falas dos personagens, nas roupas e/ou nos cenários explorados, as características do Brasil. A cultura, como especifica Hernández (2005), é o elo que une os membros de uma sociedade, o vínculo. Isto é, não haveria sociedades sem cultura. Para ele, os estudos culturais propõem a produção de uma nova e original sabedoria a partir da recuperação dos códigos culturais; sendo assim, o trabalho de mediação cultural feito pelo tradutor pode criar um vínculo de afetações entre a comunidade, o patrimônio, a tradição e as identidades, características de culturas singulares. Diante disso, faz-se necessário definir o termo “cultura” antes de tudo. Em seu significado antropológico, a cultura pode ser vista como uma mescla de crenças, direitos e deveres,

² “No Brasil, essas transformações foram se consolidando ao longo da década de 1950, e alteraram o consumo e o comportamento de parte da população que habitava os grandes centros urbanos (...). Consolidava-se a chamada sociedade urbano-industrial, sustentada por uma política desenvolvimentista que se aprofundaria ao longo da década, e com ela um novo estilo de vida, difundido pelas revistas, pelo cinema - sobretudo norte-americano - e pela televisão, introduzida no país em 1950.” (KORNIS, [2016?]).

informação, arte, hábitos e outros aspectos de uma sociedade que são adquiridos e desenvolvidos pelo homem no decorrer da vida.

A tradução de textos literários requer muito conhecimento vocabular, cultural, perícia e bom senso. O tradutor se vê sempre diante de escolhas que envolvem a diversidade linguística e cultural de um povo, e isso o põe sob constante pressão, pois acaba por assumir duplo papel, sendo mediador de duas culturas e tendo de contentar ambas as partes num eterno jogo de “servidões”, do qual fala Aubert (1994) em seu trabalho “As (In) Fidelidades da Tradução – Servidões e Autonomia do tradutor”. Apesar de tantos olhares e questionamentos focados no ofício do tradutor, um dos mais discutidos é a questão da tradução de culturas. Como os textos estrangeiros e sua tradução envolvem intenções e contextos diferentes, o significado de ambos acaba não sendo o mesmo. Segundo Venuti (2002, p. 120), “[...] a tradução imita os valores linguísticos e literários de um texto estrangeiro, mas a imitação é moldada numa língua diferente que se relaciona a uma tradição cultural diferente”. Nessa linha de pensamento, é necessário compreender melhor os processos de domesticação e estrangeirização no contexto tradutório.

Segundo Venuti (1995), o processo de domesticação, no qual o tradutor se torna “invisível”, é uma técnica que procura simplificar a leitura de um texto, apagando e/ou adaptando elementos que possam prejudicar seu entendimento, gerar estranheza ou obstrução em sua leitura pela diferença entre as duas culturas envolvidas. Em outras palavras, a domesticação pode ser vista como um processo de adaptação, cujo objetivo seria produzir um texto que soe “natural”, “fluente”, como se não fosse uma tradução, conforme o autor discute em seu trabalho *The Translator’s Invisibility*. Ainda segundo o estudioso, esse procedimento está diretamente ligado à redução do texto estrangeiro em detrimento dos valores culturais da língua-alvo. Ao assumir essa postura, o tradutor estaria impedindo o leitor de conhecer diretamente a cultura do autor da obra. Venuti (2002, p. 148) declara ainda que a tradução forma sujeitos domésticos por possibilitar um processo de espelhamento ou autorreconhecimento do leitor. Dessa forma, o texto estrangeiro torna-se mais acessível e, quando o leitor se reconhece na tradução, identifica os valores domésticos que motivaram a seleção daquele texto estrangeiro em particular, e que nele estão inscritos por meio de uma estratégia discursiva específica.

A estrangeirização, por sua vez, é um procedimento que consiste no incentivo da máxima exposição linguística e cultural de uma língua para outra, sem a preocupação de causar estranheza ou rejeições pela cultura-meta. Pode-se dizer que é uma escolha corajosa do tradutor em levar elementos novos para essa língua de chegada, mostrando cada vez mais a

riqueza, as diferenças linguísticas e os valores culturais distintos entre as duas línguas. Seu principal objetivo é o de causar o crescimento da língua e da cultura da tradução, convidando o leitor que recebe essa obra traduzida a sair da tranquilidade de seu mundo conhecido e obrigá-lo a enfrentar o Outro em toda sua diferença e originalidade. Essa postura do tradutor pode causar certo desconforto por parte do público-alvo, fazendo com que este perceba que o texto traduzido possui uma origem diferente da sua. Benjamin (1970), citando Pannwitz³ afirmou: “[...] o erro fundamental do tradutor consiste em agarrar-se ao estado ocasional da sua própria língua, em vez de fazê-la mover profundamente através da alheia.” É bem verdade que a escolha de uma alternativa estrangeirizante tornaria necessária a elaboração de um rico aparato textual, extensas e abundantes notas do tradutor, mas, ainda sim, seria um trabalho mais ético, democrático e antropologicamente correto, a fim de conservar algo da qualidade do texto-fonte, estranha ao estrangeiro. Nesse contexto, o “Ato ético consiste em receber o outro enquanto outro” declara Berman (2007, p. 78). Assim, quanto maior a evidência da estrangeirização, maior a chance de incentivar o público para uma leitura mais aberta às diferenças linguísticas e culturais.

O termo “tendências deformadoras” foi utilizado por Berman em seu texto *Translation and the Trials of the Foreign* (1985), para se referir ao tradutor que, sujeito ao processo de transpor um material textual de uma cultura para outra, escolhe realizar uma tradução domesticadora do seu texto de partida. Essas “tendências” acabam por privilegiar a cultura-meta, assumindo a perda de aspectos singulares da língua-fonte, fazendo com que o texto se transforme em uma versão manipulada e que nega visivelmente o acesso do leitor à cultura do Outro. Em *Monica’s Gang*, foram inicialmente observados indícios dessas “tendências”, e daí surgiu o título deste trabalho. E, para que se pudesse investigá-las e constatar as hipóteses da investigação, esta pesquisa foi iniciada não só no âmbito da escrita, mas também no das imagens, pois é notório que, na esfera das histórias em quadrinhos (HQs), essa dualidade é algo essencial quando se trata do seu processo de comunicação.

4 Verbal e visual: dois códigos que se complementam

No universo das HQs, existem dois lados que se completam para que a comunicação com o leitor ocorra de forma mais clara possível, o que as torna um meio de comunicação bastante rico, consumido não só pelo público infantil, mas também pelos amantes dos

³Rudolf Pannwitz (1881-1969) foi um escritor alemão, poeta e filósofo. Sua filosofia de pensamento combinava natureza, Nietzsche e uma oposição ao niilismo e internacionalismo pan-europeu.

quadrinhos de todas as idades. Seus textos multimodais são frequentemente comparados ao âmbito cinematográfico, devido às suas cenas inseridas em sequência (porém estáticas). Os quadrinhos abrigam também informações verbo-visuais que, estando combinadas, acabam por produzir códigos simultaneamente verbais e visuais.

Assim, o tradutor de uma HQ deve levar em consideração essa dualidade no momento da tradução desses textos, pois não se trata apenas de um signo unilateral, mas de duas formas de comunicação que se complementam e se comunicam entre si, como já dito anteriormente.

A questão cultural também é um ponto bastante delicado quando se trata de traduzir esse gênero textual. Tal informação tem grande relevância na construção de sentido, já que a leitura e a compreensão de quadrinhos se dão a partir da junção não apenas dos elementos verbo-visuais, mas também das culturas em jogo. Campos (2013, p. 6) em sua dissertação de mestrado, intitulada *Diferenças Culturais na Tradução de A Turma da Mônica*, destacando o tema, diz que “Formalmente, a estrutura das HQs pode representar um desafio para o tradutor, pois nem sempre uma imagem corresponde ao mesmo significado nas duas culturas.” Ela exemplifica sua afirmação dizendo que a imagem de uma baiana vendendo cocadas não faria sentido/não corresponderia à realidade para um público americano. Cagnin (1975) complementa esse pensamento, sustentando a pluralidade de informações verbo-visuais e culturais que podem compor uma HQ:

HQ, ainda que identificada pela imagem, invariavelmente vem acompanhada do texto, dos elementos linguísticos, que se fundem com a imagem e forma o código narrativo quadrinizado. (CAGNIN, 1975, p.119).

Sobre esse aspecto, Rosa (2010, p.417) também ressalta que “a linguagem pode se unir à imagem, alternando com ela funções de dominância e complementaridade”, o que significa que é possível visualizar claramente todos esses elementos se unindo na construção de sentido de um texto. Nesse contexto, o tradutor tem um papel delicado, considerando seu objetivo de tornar esse mesmo texto claro e significativo na língua de chegada, sem consideráveis perdas culturais.

5 Análise das escolhas tradutórias

Por basear-se numa pesquisa de comparação entre duas culturas e línguas distintas, fez-se o levantamento de trechos e situações relevantes encontrados nas revistas da “Turma da Mônica”, bem como de material *online* que abordasse o assunto em questão. Foram observadas tanto as escolhas que apresentaram modificações do original em português, quanto

aquelas que preservaram a cultura-fonte no processo tradutório. É importante que se pontue que são observados tanto o código verbal como o visual, tendo em vista a importância desses dois signos na formação de sentido das HQs. Para tanto, são tomados como base os estudos de tradução de Lawrence Venuti (1995), Antoine Berman (2000) e Schleiermacher (2001).

A principal fonte de pesquisa são os conceitos de tradução apresentados por Lawrence Venuti em seu livro *Translator Invisibility* (1995), que ajudam a entender os porquês das escolhas do tradutor da revista em questão. Também são analisadas as soluções propostas pelo tradutor, visto que, para Venuti, “[...] uma tradução nunca pode ser idêntica ao texto estrangeiro [...] nem mesmo se o tradutor mantiver um elevado grau de precisão linguística.” (VENUTI, 2004, p. 2, tradução nossa).

As ideias do teórico alemão Friedrich Schleiermacher também sustentam este artigo no que se refere ao seu texto *On the Different Methods of Translating*, quando menciona que um idioma pode ser enriquecido com a importação de elementos estrangeiros. (SCHLEIERMACHER, 2001).

Por fim, o crítico Antoine Berman, em seu texto intitulado *Translation and The Trials of The Foreign* (1995), sustenta estas questões no que diz respeito a suas ideias sobre a tarefa do tradutor: sempre será necessário um “sistema de deformação” para que o texto seja aceito pela língua-meta? Até que ponto pode-se influenciar a cultura do outro? Partindo dessa perspectiva, pretende-se refletir sobre essas e outras questões que surgiram ao longo da pesquisa.

5.1 Sistema de deformação

No texto *Translation and the Trials of the Foreign* (1995), o francês Antoine Berman traz a ideia de que todo aquele que se comprometa com trabalhos de tradução de uma língua/cultura para outra está sujeito ao que ele chama de “tendências deformadoras”; que seria o ato de “domesticar” ou trazer o texto traduzido o mais perto possível da cultura-meta. Essa ideia reforça, segundo Berman, a manutenção de uma cultura etnocêntrica e hegemônica. (BERMAN, 1985).

Nesse pensamento, é possível observar, nas situações de cunho cultural, nas imagens e em algumas expressões tipicamente brasileiras – ou até mesmo nos nomes dos próprios personagens da turma – uma forte tendência à domesticação.

O primeiro ponto que se observa é a mudança dos nomes dos personagens. No site da “Turma da Mônica”, o cartunista Maurício de Sousa explica:

[...] Daí, quando começamos a mandar nossos personagens de histórias em quadrinhos para o exterior, surgiu o desafio de encontrar nomes adequados para eles em outras línguas. Se, no Brasil, tínhamos todo um cuidado para que nome e personagem "combinassem", com musicalidade e um tantinho de cuidado com o marketing, como fazer em outros países?

Porém, de acordo com Berman (2007), essa seria umas das características encontradas no processo de domesticação, no qual o tradutor visa a um texto mais “belo” ou acessível ao receptor da tradução. A preocupação de Maurício em conservar a mesma musicalidade presente no original e, ao mesmo tempo, efetuar uma adequação para outros países, pode resultar na perda da identidade dos personagens em prol de reforçar os valores culturais de outrem, remetendo à

[...] produção de culturas no Reino Unido e nos Estados Unidos que são agressivamente monolíngues, não receptivas ao estrangeiro, acostumadas a traduções fluentes que inscrevem invisivelmente os textos com valores da língua inglesa e fornecem aos leitores a experiência narcisista de reconhecer sua própria cultura num outro cultural. (VENUTI, 1995, p. 15).

Como exemplo, tem-se o Cebolinha, que recebeu o nome de Jimmy Five nos países de língua inglesa, com o argumento de que Little Onion talvez não soasse bem na cultura-alvo. Na opinião dos produtores, entretanto, Jimmy Five faria as crianças se remeterem à saudação *give me five*, comumente usada entre elas.

Alguns possuem nomes correspondentes na língua inglesa e, portanto, sofreram pouca ou nenhuma alteração, como é o caso da protagonista – Mônica – que apenas perde seu acento. O mesmo acontece ao *alter ego* do autor Maurício de Sousa, “Horácio”. Já Frank, da “Turma do Penadinho”, que de antemão é um anglicismo – além de uma caricatura do monstro do romance da autora britânica Mary Shelley – é um dos poucos que não tem nenhuma alteração no nome. Contudo, há casos em que, quer por busca de certa “musicalidade”, quer por adaptação cultural, as mudanças acabam deformando o significado que motivou a escolha do nome das personagens em português.

O caráter animado e amigável do “Penadinho”, por exemplo, pode não ficar esclarecido em uma primeira leitura do seu nome nas versões traduzidas para o inglês: associado à figura de monstros dos contos folclóricos de horror com funções pedagógicas – amedrontar crianças teimosas –, Penadinho aparece com o nome Bug-a-Booo, parente próximo do Bogeyman ou Bugbear – o nosso “Bicho Papão”. Há ainda uma segunda conotação – mais recente – para essa expressão *bugaboo*, que descreveria alguém de comportamento irritante. Destarte, aquele que estaria mais para um “fantasminha camarada” perde um tanto da simplicidade e da ingenuidade que seu nome original carregava.

Embora haja um pouco da simplicidade do típico roçado brasileiro estampada em pequenas propriedades rurais do estrangeiro, sobretudo norte-americanas – como em regiões do Texas, Mississippi, Kansas etc. –, seria tarefa difícil manter a imediata implicação cultural do nome da personagem “Zé da Roça”, que passa a se chamar Cousin Benny. Amigo inseparável do Chico Bento, mas não necessariamente “primo” como a versão inglesa sugere, ele perde sua referência direta à típica estrutura interiorana de plantação tão importante na formação social da zona rural brasileira, e até mesmo urbana, já que o “êxodo rural” foi e ainda é uma prática recorrente.

Essa falta de correspondência entre o significado das palavras e alguns contextos bastante específicos de uma determinada cultura é responsável por um sem-número de “deformações” no decorrer das narrativas da “Turma da Mônica”.

No entanto, a escolha que talvez mais destoe do sentido original e da relação nome *versus* personalidade seja a do nativo “Papa Capim”, figura indígena que personifica ideais e preocupações ambientais em um dos subnúcleos de personagens da “Turma da Mônica”. É apelidado de Tom-Tom para leitores em língua inglesa, termo que remete ao percussivo ritmo tribal, decerto porque remete, para os anglófonos, à bateria enquanto instrumento musical. A ligação com o adorável pássaro tropical, estimado e cobiçado por seu canto singular, está desfeita. A sublimidade e a virtude genuinamente amazônicas são substituídas por um simples objeto – um tambor.

Como foi dito, não ocorrem apenas deformações que reduzem a conotação original dos nomes, mas há aquelas que agregam significado, ou até mesmo os “refinam”. É o caso do gato “Mingau”, que, na versão brasileira, tem o nome de um alimento de consistência cremosa, feito usualmente de água e leite, pouco sofisticado e cotidiano. O nome é traduzido como Vanilla para o inglês: um tipo de orquídea da qual se extrai a requisitada especiaria chamada baunilha. Algo curioso sobre essa escolha, em especial, é que a versão da revista em inglês mostra ainda outra tradução para o nome do gatinho da Magali. Segundo Campos (2013, p. 115), “Mingau”, além de Vanilla, também é apresentado como Popcorn (pipoca). Ambos os nomes são, portanto, de comida (Figura1).

Figura 1: Vanilla ou Popcorn? O gatinho da Magali recebeu duas traduções.



Fonte: *Monica's Gang* ([2012?]).

Algo ainda mais interessante acontece a “Dona Morte”, cujo nome ganha algo de shakespeariano ao ser traduzido como Lady MacDeath, fazendo assim uma tímida, mas pertinente menção a uma das personagens do dramaturgo inglês. Sendo Lady Macbeth aquela que, segundo a tragédia de Shakespeare, convence o marido quanto à morte do rei Duncan – algo que tem bastante relação com o papel da “Dona Morte” nas histórias em quadrinhos –, é plausível o trocadilho.

Por trás do malogro na preservação de sentido da maioria dos nomes, esconde-se um êxito que não pode deixar de ser mencionado. O caipira “Chico Bento” – que aparece como Chuck Billy – recebeu uma tradução que pareceu interessante, tanto no tocante à ideia intencionada no nome, quanto à permanência de elementos culturais brasileiros nas narrativas.

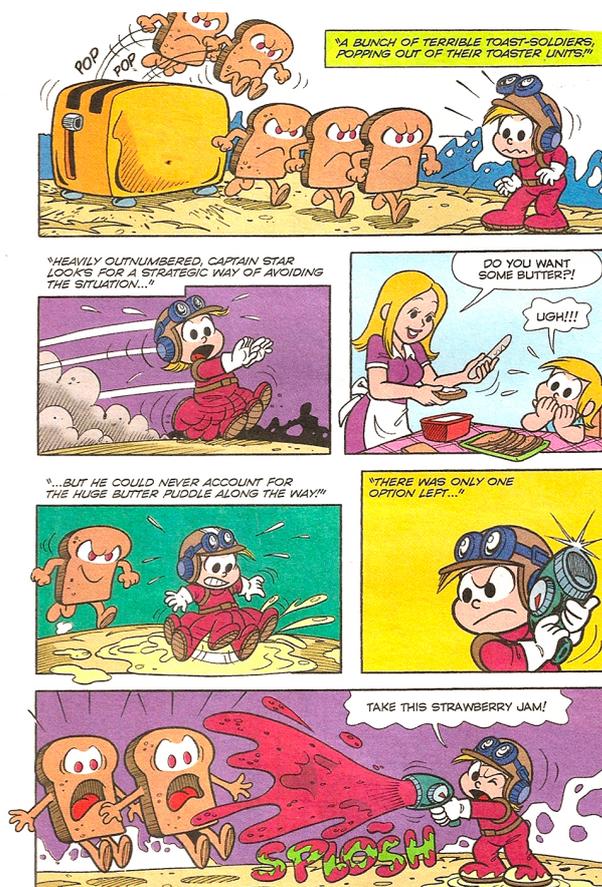
Embora americanizado, Chuck Billy ainda resguarda algo da sonoridade original, e a troca do “Bento” por Billy almeja passar ao leitor estrangeiro a mesma impressão interiorana e rural que o “Chico” transmite aos brasileiros. Isso se dá devido à expressão Hillbilly – termo um tanto informal, à guisa de gíria, e mesmo pejorativo, que designa pessoas com estilo de vida simples e educação não tanto rebuscada, distantes, mais por opção que por outro motivo, das agitações dos centros urbanos. É exatamente esse ambiente bucólico que foi respeitado e reproduzido para as versões do exterior. Não surgiu uma versão “texana” ou “movida a

rodeios” da “Turma do Chico Bento”. Não foi trocada a tradicional viola dos fins de tarde pelo som do banjo em meio ao pântano repleto de jacarés.

Ainda observando esses aspectos, é notável a existência de situações em que hábitos da cultura-alvo são expostos de forma clara, desvalorizando ou ocultando aspectos nacionais. Como exemplo, na revista de n. 20, com a história intitulada *Breakfast*, vê-se o personagem Júnior (Dudu), em um típico café da manhã americano, com direito a cereal com leite e torradas com geleia. Na revista de n. 11, sob o tema *Tree House*, Smudge (Cascão) e Jimmy Five (Cebolinha) constroem uma casa na árvore, o que não se configura como uma das brincadeiras características das crianças brasileiras. Sendo assim, essas modificações mostram a:

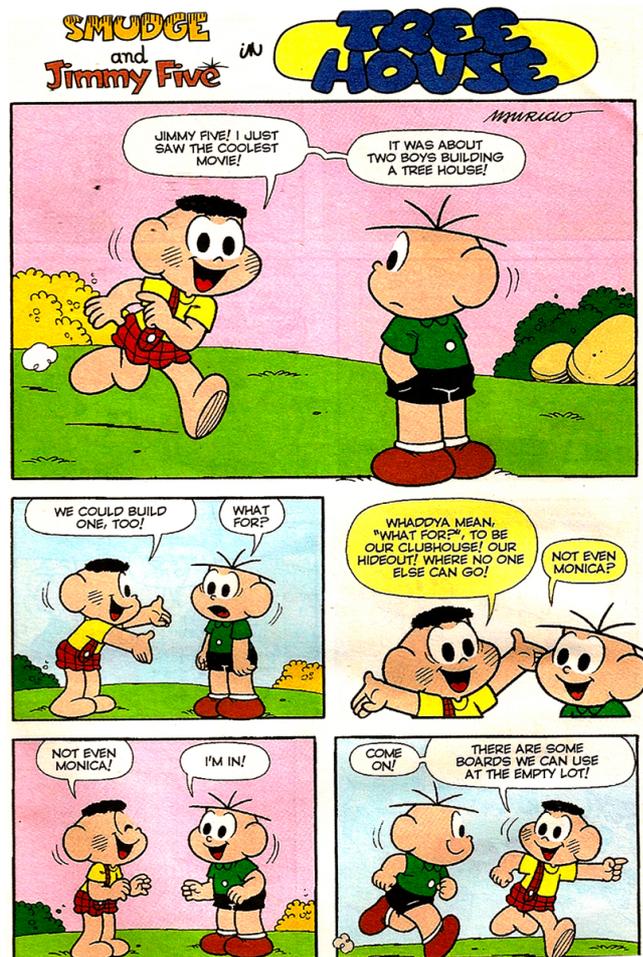
[...] violência que reside no propósito e na atividade da tradução em si: a reconstituição do texto estrangeiro de acordo com valores, crenças e representações preexistentes na língua-alvo, sempre configuradas em hierarquias de dominância e marginalidade, sempre determinando a produção, circulação e recepção dos textos. A tradução é a substituição violenta das diferenças linguísticas e culturais do texto estrangeiro por um texto que será inteligível ao leitor da língua-alvo. (VENUTI, 1998, p. 18).

Figura 2: Domesticação: Dudu (Junior) aparece em um típico café da manhã americano.



Fonte: *Monica's Gang* (2011).

Figura 3: “Smudge” (Cascão) e Jimmy Five (Cebolinha) constroem uma casa na árvore, o que não se configura como uma das brincadeiras características das crianças brasileiras.



Fonte: Monica's Gang (2010).

Outro dado bastante significativo foi encontrado na revista de estreia da turminha. Na história intitulada *The Pekinese*, a versão nacional do gibi utiliza uma piada em que o cãozinho Blue (Bidu) diz a Duke (Duque) que “os pequineses eram mais populares que roda de pagode”, fala traduzida para “They were more common than pagoda wheels”. Isso configura um tipo de tradução que desvaloriza um aspecto tão característico das festas populares brasileiras: a roda de pagode. Sobre esse aspecto da domesticação, Venuti expõe que

Editores, copidesques, revisores nos treinaram, com efeito, para valorizar as traduções mais fluentes, tão fáceis de ler que as fazem parecer não traduzidas, dando a impressão ilusória de que estamos lendo o original. Geralmente, só notamos a tradução quando esbarramos num problema, numa palavra não familiar, num erro de utilização, um significado confuso que pode parecer involuntariamente cômico. (VENUTI, 2004, p.1).

Figura 4: Equívoco linguístico: tradução literal do termo “roda de pagode” ocasiona perda de sentido.



Fonte: *Monica's Gang* (2012?).

Ao ler outros trabalhos de pesquisadores em tradução com o tema relacionado à tradução de gibis, depara-se com alguns exemplos significativos de perda de traços culturais nas soluções linguísticas apresentadas. Apontam-se duas dessas, exploradas por Campos (2013) em sua dissertação de mestrado, as quais se referem às escolhas tradutórias do português para o inglês. A primeira delas faz alusão a uma história que tem, como título em português, “Respeito é bom e eu gostaria tanto!” e recebeu, como tradução para o Inglês, *Respect is good and I'd sure like some!*. Nessa história, o carro de Zé Vampir está parado e os amigos dizem: “Zé, seu carro não vai pegar no tranco, está em ponto morto” – traduzido para “Vic, your car's heading for a dead end!”. A expressão “pegar no tranco”, explorada nesse contexto, refere-se a um carro que está com problemas na bateria e que, ao ser empurrado, com a marcha engatada, acaba tendo o motor acionado – o que não é comum acontecer com carros americanos, que são automáticos. Nesse ínterim, segundo Campos (2013, p. 109), a tradução perde o elemento cultural, embora conserve o jogo de palavras. Mais adiante, em seu texto, Campos (2013, p. 114) comenta a história “As sombras da vida” – *The Shadows of Life*. A narrativa mostra o personagem Piteco observando algumas pessoas assistindo ao “Fantástico – O show da vida” e apresenta a tradução literal do nome do programa, o que resulta em perda da referência da atração dominical, muito conhecida pelo público brasileiro.

Figura5: Programa brasileiro perde a referência cultural pela tradução literal.



Fonte: *Monica's Gang* ([2012?])

Outra tendência nesse mesmo sentido é a da total adaptação temática de algumas edições, almejando aproximar o microcosmo ficcional da “Turma da Mônica” ao macrocosmo de ficção já estabelecido e bem conhecido no Ocidente. Assim, surgiram edições fantásticas que misturam as personagens de Maurício de Sousa às de George Lucas, da Marvel Comics, de Shakespeare e até mesmo da antiga mitologia grega. Mônica e sua turma irão então viver as aventuras e desventuras do semideus Hércules, da “Liga da Justiça”, do par romântico Romeo e Julieta, ou ainda cruzar o espaço a caráter em um elenco do *Star Wars*, dentre outras experiências de mescla de culturas.

Figura 6: No material online, a Turminha vive aventuras na pele dos super-heróis americanos.



Fonte: *Monica's Gang* ([2012?]).

Após analisar algumas das domesticações presentes no trabalho de tradução, é momento de levar o estudo ao próximo item, no qual serão discutidos os aspectos preservados da cultura de origem e a relação deles com o conceito de estrangeirização.

5.2 Indícios de estrangeirização

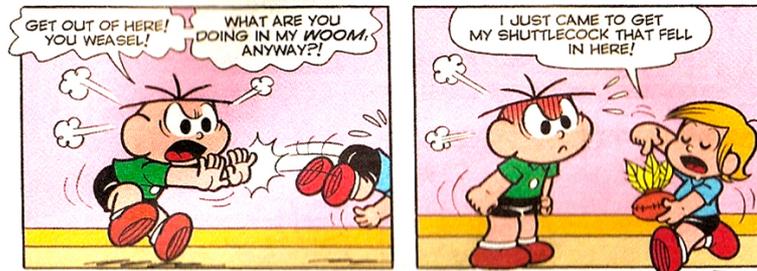
Durante os estudos sobre as escolhas tradutórias, observaram-se também alguns indícios daquilo que Lawrence Venuti chama de estrangeirização, ou seja, a preservação do que faz parte da cultura de origem na tentativa de expor também um código verbal/visual diferente daquilo que é comum para os países da língua-alvo.

A título de comparação, as histórias em quadrinhos que provêm do estrangeiro e são consumidas pelos leitores brasileiros, em sua maioria, constituem-se em histórias marcadas quase sempre por um *superhero*; porém, nas *Serialized Stories*, disponíveis no website da “Turma”, ainda se percebe a procura pela preservação desse cotidiano infantil e de um espaço caseiro, bem como das travessuras e imaginações dessas crianças de apenas 6 anos. Ao contrário daquilo que se apresenta em histórias sobre heroísmo, as crianças da “Turma” não demonstram ter um destaque sobre as outras. Na verdade, cada uma carrega uma personalidade peculiar, o que as faz serem igualmente especiais – não se deixando passar despercebidas também suas “imperfeições”, como a troca de letra na fala do Cebolinha, o fato de Magali ser comilona, o de Cascão não gostar de tomar banho etc. Tudo isso se contrapõe à ideia de *superhero*, os quais são vistos como seres perfeitos e irrepreensíveis.

Nota-se também que os acontecimentos, muitas vezes, ocorrem na rua sem supervisão dos pais, cena muito natural no Brasil. As personagens gostam de brincar ao ar livre e as brincadeiras são predominantemente tradicionais, como andar de bicicleta, jogar futebol e bola de gude, brincar de boneca, empinar pipa etc., deixando-se em segundo plano os itens tecnológicos da atualidade, a que muitas famílias brasileiras ainda têm acesso limitado. É importante destacar, também, que há, nas revistas em circulação, uma seção nomeada *Funny Facts*, que se encarrega de levar algumas informações sobre situações descritas nas HQs, caso leitores necessitem de alguma explicação extra. Um exemplo estaria em *Monica’s Gang* n. 21, na qual há uma nota sobre como se brinca de peteca no Brasil. O tradutor faz uma comparação com o *badminton* americano, esporte praticado com raquetes, e com algo que lembra a nossa peteca – o *shuttlecock*, geralmente praticado em quadras, jardins ou praias com apenas dois participantes. Nesse mesmo espaço do gibi, os amigos do Titi (*Bucky*) aparecem usando as conhecidas calças cargo que, segundo a publicação, seriam “comumente

usadas pelos skatistas no Brasil” – as quais poderiam ser consideradas como um tipo de “importação cultural”, uma vez que as calças cargo começaram a ser usadas primeiramente na Europa em meados dos anos 40 para somente depois serem transformadas em peça do guarda roupa brasileiro, nos anos 90.

Figura 7: Indício de estrangeirização: informações sobre brincadeiras no Brasil.

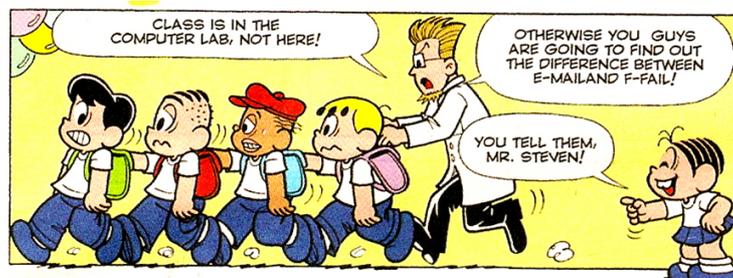


DID YOU KNOW THAT THE SHUTTLECOCK USED IN BADMINTON CLOSELY RESEMBLES THE ONE USED IN A FAMOUS GAME IN BRAZIL?

The game is called “Peteca” and the shuttlecock that is used is larger and heavier. Just like badminton there is a net, but without rackets. The objective of the game is also much like volleyball: if you let it fall on your side, the other team gets a point. The origins of the game are not very well recorded but it has been noted that the idea of the game comes from parties and celebrations as more of a pastime instead of a sport.

Fonte: *Monica’s Gang* (2011).

Figura 8: Importação cultural: calça cargo concebida como estilo brasileiro.



THE CARGO SHORTS GANG

This a group of characters of Monica’s Gang that hang out together and all wear cargo shorts. This “gang” first appeared in the comics around the late 1990’s and the early 2000’s. The “gang” was created in order to show that the characters were undergoing diverse situations, one of which was acts of leaving pre-adolescence and beginning to grow up... The members that make up the group are Bucky, Jeremiah, and Manny. In the beginning Franklin was also a part of this group. The distinctive shorts that they wear are a type commonly used by skaters in Brazil. The shorts have many pockets and is often used by this age group; as is the slang they use and the starting interest in dating.

Fonte: *Monica’s Gang* (2010).

Esses fatores demonstram a tentativa do tradutor em levar um pouco da cultura local para fora, ainda que em pequenas doses. Isso se harmoniza com o que ocorre em traduções estrangeirizantes, em que o leitor que recebe o material perceberá que

[...] o conhecimento não é universal, que a comunicação é dificultada por diferenças culturais entre e dentro das comunidades linguísticas. Estrangeirizar também é uma tentativa de reconhecer e deixar que essas diferenças moldem os discursos culturais na língua-alvo. (VENUTI, 1995, p. 146).

6 Considerações finais

Após a análise dos estudos apresentados neste artigo, pôde-se concluir que, apesar de terem sido observados indícios de estrangeirização em *Monica's Gang*, a qual ressignifica o cotidiano das personagens e suas brincadeiras, a domesticação é bem mais evidente. Exemplos claros foram apresentados, como a substituição dos nomes originais da Turminha e a perda de aspectos culturais por meio de adaptações das expressões nacionais que foram bruscamente substituídas por algo que soasse bem aos ouvidos dos seus receptores, talvez com o objetivo de evitar o estranhamento ou até mesmo a rejeição daquele público.

Novamente vem à tona a escolha do tradutor, diante de tão conflitante decisão: o que fazer para não ser notado? O que não fazer? A resposta aqui talvez seja a busca pelo equilíbrio, mesmo que este sempre o ponha diante dessa tão conflitante decisão, que o divide entre o que é nacional e o que estrangeiro. Mostrar-se ao outro requer sempre cautela, mas é necessário que o tradutor também entenda que há vários povos e formas de pensar diferentes, os quais não devem ser anulados, tampouco esquecidos no processo tradutório. Esse dilema em que se encontra qualquer tradutor aponta para as

[...] dificuldades se apresentam quando o tradutor olha para a sua relação com a língua na qual ele escreve e para a relação de sua tradução com as suas obras. [...] E tem de se admitir que fazer isso com arte e medida, sem desvantagem própria e sem desvantagem para a língua, talvez seja a maior dificuldade que o nosso tradutor tem a superar. (SCHLEIERMACHER, 2001, p. 55-57).

Apesar de o tradutor responsável pela revista ter estabelecido uma ponte entre as duas línguas, tentando respeitar os valores culturais de cada participante dessa comunicação e dando certo grau de primazia ao cômico – fator essencial à “Turma da Mônica” –, é relevante observar que, por se tratar de um trabalho com foco comercial, deu-se prioridade ao público de chegada, facilitando-se o entendimento do leitor americano, conforme a entrevista do autor

da Revista apresentada neste artigo. Independentemente das escolhas que privilegiaram a cultura de chegada, trabalhos como o de Campos (2013, p. 129) apontaram que cerca de 50% dos casos das traduções com marcas culturais e 62% das ocorrências com fatores linguísticos usados como estratégia para promover humor receberam traduções satisfatórias para o cumprimento de sua função. Porém, de acordo com a análise, a tradução obteria melhor resultado na cultura de chegada se, além do exercício da criatividade, fosse priorizada a definição de um escopo antes do início do processo tradutório propriamente dito e se houvesse investimento na formação formal dos tradutores, contribuindo também para seu conhecimento teórico.

É interessante ainda questionar se o receptor estrangeiro, enquanto lê o gibi, consegue perceber se a história se passa em um cenário brasileiro ou se as modificações foram trabalhadas de tal forma que se apagou a identidade original. Essa noção de “relação de abertura”, de que fala Berman (2004) faz surgir esse pensamento, trazendo reflexões sobre o ofício do tradutor, suas escolhas e sua responsabilidade; dessa forma, esse profissional fica sujeito a escolhas que agradem ou não os extremos envolvidos. Entretanto, ainda assim, é correto dizer que, independentemente de *Monica's Gang* ter atingido o objetivo final de seus (re)criadores, uma coisa é certa: a obra já cativou milhões de pessoas ao redor do mundo.

Referências

A GLOBALIZAÇÃO da Turma da Mônica. In: **Franquia e Negócios**. Disponível em: <<http://www.mflip.com.br/pub/lamonica/index.jsp?ipg=93710>>. Acesso em: 17 mai.2015.

AUBERT, Francis Henrik. **As (In)Fidelidades da Tradução** – Servidões e Autonomia do tradutor. 2.ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1994.

BERMAN, Antoine. **Translation and the Trials of the Foreign**. The Translation Studies Reader. Ed. and Trans. Lawrence Venuti. New York: Routledge, 2004. p. 276-289.

CAGNIN, A. L. **Os quadrinhos**. São Paulo: Ática, 1975.

CAMPOS, Jucimara Sobreira de. **Diferenças culturais na tradução de A Turma da Mônica**. 2013. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos e Literários em Inglês) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8147/tde-18062013-102220/>>. Acesso em: 18 mai. 2015.

CRÔNICA 93 - "Nomes, Nombres e Names". **Monica**. Disponível em: <<http://turmadamonica.uol.com.br/cronicas/nomes-nombres-e-names/>>. Acesso em: 17 mai.2015.

ENTREVISTA Maurício de Sousa – Aspas – TVO. In **Youtube**. Disponível em <<http://www.youtube.com/watch?v=dcftIqfbiRQ>>. Acesso em: 02 nov.2012.

HERNÁNDEZ, D. M. La esencialización de la cultura y sus consecuencias en los estudios de la traducción. **TRANS**, n. 9, 2005, p.73-84.

KORNIS, Mônica Almeida. **O Brasil de JK** – sociedade e cultura nos anos 1950. CPDOC - Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, Rio de Janeiro.SãoPaulo,[2016?].Disponívelem:<[http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/JK/artigos/Sociedade/Ano 1950](http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/JK/artigos/Sociedade/Ano%201950)>. Acesso em: 25 jul. 2015.

MONICA'S GANG. **Birthday at school**.São Paulo: PaniniComics, v. 11, out. 2010.

_____. **Crazy little dog**. São Paulo: Panini Comics, v. 20, jul.2011

_____. **Monica's Gang**.São Paulo: PaniniComics, v. 01, set. 2009.

_____. **Take care of him**, he's your son. São Paulo: Panini Comics, v. 21, ago. 2011

_____. **There was a mud in the way**. São Paulo: Panini Comics, v. 28, mar. 2011

ROSA, Gisele Marion. A tradução quadrinhística: sinais de conflito entre imagem e texto. **Tradterm**, 16, São Paulo, 2010, p. 411-434.

SCHLEIERMACHER, F. **Sobre os diferentes métodos de tradução**. Trad. M. Von Muhlen Poll. In: Heidermann, W (org). Clássicos da teoria da tradução: antologia bilingue, alemão-português (v.1). Florianópolis: UFSC, Núcleo de Tradução, 2001

SHAKESPEARE, W. **Romeu e Julieta**; Macbeth; Hamlet, príncipe da Dinamarca; Otelo, o Mouro de Veneza. [Traduções de F Carlos de Almeida Cunha Medeiros e Oscar Mendes.] São Paulo: Abril Cultural, 1981.

STEINBERG, Martha. Tradução e Fidelidade. **Tradterm**. [S.1], v.1, p. 121-122, dec. 1994.Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/trasterm/article/view/49964/54086>>. Acesso em: 24 mai. 2016.

TURMA da Mônica Muda de Editora Pensando no Exterior. In: **G1.Globo**. Disponível em: <<http://g1.globo.com/Noticias/PopArte/0,,MUL477-7084,00.html>>. Acesso em: 02 nov.2012.

VENUTI, Lawrence. Autorialia. In: **Escândalos da tradução**: Por uma ética da diferença. Tradução de Laureano Pelegrini, Lucinéia Marcelino Villela, Marileide Dias Esqueda e Valéria Biondo. Revisão técnica de Stella Tagnin. Bauru-SP: EDUSC, 2002.

_____. **The Translator's Invisibility**: A History of Translation. London/ New York: Routledge, 1995.

VERSÃO em Inglês de “A Turma da Mônica” é Insatisfatória. In: **Portal EBC**. Disponível em: <<http://www.ebc.com.br/infantil/para-pais/2014/03/versao-em-ingles-de-a-turma-da-monica-e-insatisfatoria>>. Acesso em: 17 mai.2015.

BENJAMIN, Walter. **"A Tarefa do Tradutor"** (Die AufgabedesÜbersetzers, GesammelteSchriften, IV.1, p. 9 -21).